

Uma abordagem antroposófica das obras

O Guarani e Iracema através do léxico

An anthroposophical approach to the works

O Guarani and Iracema through the indigenous lexicon

Maria Célia dias de Castro¹

Marta Helena Facco Piosan²

Gustavo Barbosa Guimarães³

Resumo: Os nomes que designam entidades naturais, culturais, espirituais e pessoas refletem o contexto histórico, social e cultural de uma comunidade, funcionando como expressão do repertório linguístico e da cosmovisão dos sujeitos que a compõem. Filiado aos estudos do léxico e da onomástica, este trabalho discute essas dimensões sob a perspectiva da relação entre o ser humano e o universo, analisando um léxico que reflete as cosmovisões dos povos originários. A análise busca compreender a interseção entre aspectos linguísticos, filosóficos e culturais, destacando como o léxico indígena simboliza os personagens e o ambiente material, cultural e espiritual em que estão inseridos, contribuindo para a construção da identidade nacional e para a valorização das raízes culturais brasileiras. As palavras foram selecionadas a partir da leitura das obras e organizadas em quatro categorias: plantas, animais, nomes próprios e elementos culturais. A descrição dos termos foi realizada com base em dicionários onomástico-etimológicos, enquanto a análise se fundamentou, para além da perspectiva literária do Romantismo, na abordagem antroposófica de Rudolf Steiner, que integra ciência, arte e espiritualidade. Os resultados demonstram uma profunda conexão dos povos indígenas com a natureza – incluindo vegetação e fauna – além de revelar aspectos culturais e religiosos que refletem suas cosmovisões.

Palavras-chave: Léxico. Romantismo. Indianismo. Abordagem Antroposófica.

Abstract: The names that designate natural, cultural and spiritual entities and people reflect the historical, social and cultural context of a community, acting as an expression of the linguistic repertoire and worldview of the people who make it up. Affiliated to the studies of lexicon and onomastics, this work discusses these dimensions from the perspective of the relationship between human beings and the universe, analysing a lexicon that reflects the worldviews of indigenous peoples. The analysis seeks to understand the intersection between linguistic, philosophical and cultural aspects, highlighting how the indigenous lexicon symbolises the characters and the material, cultural and spiritual environment in which they are inserted, contributing to the construction of national identity and the appreciation of Brazilian cultural roots. The words were selected after reading the works and organised into four categories: plants, animals, proper names and cultural elements. The description of the terms was based on onomastic-etymological dictionaries, while the analysis was based, beyond the literary perspective of Romanticism, on Rudolf Steiner's anthroposophical approach, which integrates science, art and spirituality. The results show a deep connection between indigenous peoples and nature - including vegetation and fauna - as well as revealing cultural and religious aspects that reflect their worldviews.

Keywords: Lexicon. Romanticism. Indianism. Anthroposophical approach.

¹ Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas, Departamento de Letras. Balsas, MA, Brasil. Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Campus Imperatriz, Programa de Pós-Graduação em Letras, Imperatriz, MA, Brasil. E-mail: celialeitecastro@hotmail.com.

² Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas, Departamento de Letras. Balsas, MA, Brasil. E-mail: martahpriosan@hotmail.com.

³ Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas, Departamento de Letras. Balsas, MA, Brasil. Email: gustavobarbosa.g80@gmail.com.

Palavras iniciais

A língua é uma das formas mais fundamentais de interação humana, refletindo de maneira profunda a realidade física, cultural e espiritual dos povos que habitam uma região. Entre os seus elementos constitutivos, o léxico se destaca como o aspecto em que essas influências se manifestam com maior clareza, seja por meio das interações verbais cotidianas ou pela riqueza dos textos literários. A palavra, enquanto unidade léxica, revela identidades, orientações espirituais e visões de mundo de diferentes grupos em seus contextos históricos e culturais.

Cada palavra carrega consigo camadas de significados que transcendem sua mera função comunicativa, encapsulando estruturas linguísticas, valores culturais e marcas do tempo em que foi criada. Na literatura, o uso do léxico ganha ainda mais relevância, pois sua escolha não é apenas funcional, mas também intencional, contribuindo para a construção de mundos fictícios que dialogam com a realidade em que estão inseridos. Nesse sentido, este estudo propõe analisar como o léxico indígena é utilizado como recurso narrativo em duas obras de José de Alencar, *O Guarani* e *Iracema*, destacando sua relevância enquanto ferramenta de resgate de memórias e elementos identitários.

A reconstrução dessa memória começa com a consolidação da Literatura Brasileira que se iniciou, genuinamente a partir do Romantismo, pois antes toda literatura aqui produzida era trazida da Europa, de forma que a produção acontecia em terras brasileiras, porém os temas e as formas de composição tinham inspirações nos padrões europeus (Ferreira, 2012). Contudo, as revoluções que se espalharam e contagiaram ideais de liberdade na Europa, no Século XIX, contribuíram para que várias colônias se tornassem independentes, inclusive o Brasil, favorecendo o nascimento de uma literatura genuinamente brasileira. Assim, o início do movimento literário romântico no Brasil causou preocupação aos artistas, pois esses ansiavam pela criação de elementos unificadores de um novo país, independente (1822), com o zelo pelos valores e por aqueles que eram originários da terra, elementos presentes na cultura e na formação social brasileira (Pagnano, 2010).

José de Alencar foi uma figura central nesse movimento, um dos escritores que abraçou a valorização indígena em favor da sonoridade de palavras tomadas desse vocabulário, não apenas como elemento estético, mas como um símbolo de exaltação da cultura nacional e das raízes brasileiras, em um momento de entusiasmo patriótico e afirmação soberana (Souza, 2019). Contudo, o objetivo deste estudo não é analisar o mérito literário do autor ou das obras, mas compreender como o uso do léxico indígena em *O Guarani* e *Iracema* serve como instrumento para preservar aspectos linguísticos, culturais e identitários. Afinal, “al estudiar el léxico de una lengua, existe la posibilidad de recuperar aspectos lingüísticos, culturales e identitarios de una comunidad. También permite conocer

las concepciones intrínsecas de la realidad en las que un determinado grupo se inserta⁴” (Castro; Piovesan, 2021, p. 177).

Nesse sentido, este estudo ancora-se nos Estudos do Léxico e Onomástica, ao analisar nomes próprios e comuns presentes nas obras *Iracema* e *O Guarani*. Tais unidades lexicais, marcadas por construções próprias da obra romântica indianista, funcionam como signos com motivações culturais. A análise parte da hipótese de que esses nomes são representativos de uma cosmovisão que articula língua, cultura e espiritualidade, sendo, assim, espaço privilegiado de investigação linguística. Por isso a escolha da perspectiva antroposófica como base interpretativa e da análise, com o propósito de observar-se o valor mágico das palavras portado nos nomes da realidade das obras criadas pelo autor, pois, como assinala Biderman (1998, p. 81) sobre a palavra, “vários são os ângulos sob os quais esta complexa matéria pode ser analisada”.

Com base nessa articulação, a investigação destaca como a linguagem literária, ancorada no léxico indígena, contribui para revelar a riqueza das culturas originárias do Brasil e para ressignificar sua importância na construção da identidade nacional, tanto no passado quanto atualmente.

Para sustentar esta análise, adota-se uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, considerando que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e subjetivo do sujeito” (Chizzotti, 2009, p. 79). A pesquisa é de cunho bibliográfico (Silveira; Córdova, 2009), sendo as obras supracitadas a fonte primária para o levantamento das palavras do vocabulário indígena.

O percurso metodológico partiu do levantamento e seleção de termos do léxico indígena das obras supracitadas, em que os nomes foram organizados segundo quatro categorias analíticas: plantas, animais, objetos da cultura material e nomes próprios de personagens ou entidades, conforme aparecem nas narrativas, categorizadas a partir da organização empírica e interpretativa do corpus, que emergiu da análise dos contextos narrativos e da ocorrência temática dos elementos nomeados. A análise apoiou-se na descrição etimológica dos termos em dicionários especializados (Cunha, 1999; 2010; Dicionário Houaiss Online; Guérios, 1973; Machado, 2003; Nascentes, 1952), articulando esses dados às referências simbólicas e espirituais presentes nas obras. Assim, combinam-se as ferramentas dos estudos linguísticos com a leitura interpretativa orientada pelos fundamentos da antroposofia.

⁴ Ao estudar o léxico de uma língua, existe a possibilidade de recuperar aspectos linguísticos, culturais e identitários de uma comunidade. Também permite conhecer as concepções intrínsecas e a realidade em que um determinado grupo está inserido (Tradução do autor).

A Identidade dos Romances Românticos

O romance, um gênero literário que consiste em uma narrativa em prosa, alcançou seu ápice no século XIX com a ascensão do Romantismo. O termo *romance* só era empregado no domínio das literaturas portuguesa e francesa, aparecendo accidentalmente nas literaturas antigas e somente com o período literário romântico esse gênero literário atingiu sua plena maturidade e afirmação como espécie literária. Mais importante do que qualquer classificação tipológica, é revelar o papel de predominância no campo da literatura que o gênero romanesco exerceu nos últimos séculos (D'Onofrio, 1995). O romance tem sido amplamente teorizado para que haja a formulação de uma metodologia de análise adequada objetivando compreender a relação entre realidade e universo ficcional engendrado pela literatura (Melo e Oliveira, 2013).

Os romances românticos são marcados pela subjetividade, a valorização das emoções e dos sentimentos, a idealização do amor, da mulher e da morte, além da exaltação dos valores burgueses, mas acima de tudo marcados pela valorização da cor local, isto é, a preocupação de registrar as paisagens brasileiras, a natureza, assim como os povos originários, não apenas em seus aspectos físicos e concretos mas também abrangendo costumes, folclore, cultura, história e tudo mais que foi constituindo a sociedade brasileira da época. Essas características marcaram este período literário que fez surgir grandes nomes da literatura brasileira, dentre eles José de Alencar, que foi defensor do nacionalismo e do indianismo nos romances brasileiros publicando *Iracema*, *O guarani* e *Ubirajara*.

A prosa indianista particularizava narrativas que focavam o cotidiano indígena e reforçavam a identidade cultural originária do país, ou seja, os textos possuíam características que focavam na cultura do Brasil indígena. Havia, à época, um anseio por independência e os escritores entendiam que era necessário estabelecer uma visão sobre o que era ser brasileiro, quais as características do território e a identidade cultural das pessoas que povoavam a região. Foi assim que surgiu o povo indígena no romance como uma personalidade originária do território, uma representação dos primeiros que aqui habitavam. A esses aspectos foram somadas questões de colonização em que os autores desenvolveram histórias para explicar a formação da população brasileira com o objetivo de unir um personagem europeu com um indígena, representando a miscigenação no território (Bosi, 2015).

Em meio a todas essas descrições históricas que representam o Brasil, surgem, no romance, palavras de origem indígena que designam os referentes presentes na dimensão material, cultural e espiritual e orientam os personagens no decorrer da narrativa. Arte, cultura, e espiritualidade se entrelaçam numa organização que gera possibilidades de uma caracterização antroposófica dos nomes indígenas acionados, revelando a realidade como

um todo integrador e englobando a valorização das narrativas mitológicas, dos símbolos e das tradições ancestrais no cerne dessa conexão com o ser humano.

Contextualizando a Antroposofia

A antroposofia é um sistema de pensamento e prática criado pelo filósofo e educador austríaco Rudolf Steiner. Segundo Setzer (2023, s/p) “pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana”. Nesse sentido, Steiner observa que “vivemos em uma época na qual acontece principalmente o desenvolvimento da alma da consciência, em que se perdeu um conhecimento verdadeiro da relação do ser humano com os impulsos e as forças mais profundas da natureza, isto é, do espírito da natureza” (Steiner, 2018, p. 121). Ele propõe que “somente obtemos um verdadeiro conhecimento do ser humano quando reunimos toda a natureza, com todos os seus impulsos e conteúdo material” (Idem, p. 123).

Esta abordagem espiritual e científica busca, portanto, compreender a relação entre o ser humano, o universo e o mundo espiritual. O termo deriva do grego *anthropos* (ser humano) e *sophia* (sabedoria), significando "sabedoria humana". Romanelli (2015, p. 50) informa precisamente que “A Antroposofia surgiu como uma forma de observar e entender o mundo e o homem, desenvolvida por Rudolf Steiner a partir de 1886 até 1925. Foi em 1904 que ele passou a chamar essa cosmovisão de Antroposofia. Outros filósofos já usavam o termo, porém designando concepções diferentes”.

Rocha, Santos e Pinho (2019, p. 54) assinalam que Steiner cria essa doutrina “no intuito de estudar uma maneira de observar a relação entre o homem e o cosmos onde a realidade é descrita em vários planos que mesmo permeados por uma espiritualidade, tem como foco principal o desenvolvimento do ser humano”. Ao buscar compreender o ser humano em sua totalidade, corpo, alma e espírito, essa abordagem enfatiza a importância dos elementos simbólicos, espirituais e culturais como parte da inter-relação entre os seres humanos e o universo.

Esta teoria possui três fundamentos principais: a espiritualidade e ciência, integrando ciência, arte e espiritualidade, considerando o desenvolvimento espiritual como essencial para o autoconhecimento e a evolução humana; visão tríplice do ser humano, em que Steiner descreve o ser humano como composto de corpo, alma e espírito, enfatizando a interconexão entre essas dimensões; e ritmos naturais, com a valorização dos ciclos e ritmos da natureza e como eles influenciam o bem-estar humano. Setzer (2023, s/p) ressalta que, dentre as diversas contribuições da filosofia antroposófica “a mais popular dessas realizações práticas,

a Pedagogia Waldorf, que desde 1919 representa uma revolução em matéria de educação, tem seus resultados visíveis em mais de 1.000 escolas no mundo inteiro (25 no Brasil)".

Para Mutarelli (2006), Steiner percebe que a relação do homem com as coisas do mundo ocorre em três domínios: as coisas do mundo que são percebidas pelos sentidos (corpo), as impressões causadas por essas coisas: agrado-desagrado, cobiça-nojo, simpatia-antipatia e outras (alma), e os conhecimentos adquiridos a partir dessas coisas do mundo (espírito). O homem consistiria, pois, em corpo, alma e espírito.

Steiner preconiza que uma espécie de classificação da constituição do ser humano é composta pelo corpo físico, corpo etérico, corpo astral e pelo Eu ou organização do Eu. Acerca do corpo físico, "trata-se daquele que está subordinado às forças que emanam do centro da Terra", "o corpo etérico (verde) é aquele subordinado às forças que vêm de todas as direções do limite do universo", e o corpo astral "recebe suas forças de uma região exterior ao espaço" (Steiner, 2018, p. 127). Setzer (2023, s/p), seguindo a filosofia antroposófica, explicita que as plantas possuem corpo físico e corpo etérico, de 'substancialidade' suprassensível, em razão dessa substancialidade.

O autor esclarece bem a diferença entre um mineral e uma planta. Enquanto aquele não possui corpo etérico, a planta se distingue pela imanência desse elemento, em que "a presença de um constituinte superior modifica todos os inferiores. O corpo etérico interage com o meio ambiente através do corpo físico da planta" (Idem). Essa capacidade faz com que uma mesma espécie de planta tenha a capacidade de "assumir formas um pouco diferentes, conforme a região (p. ex., ser mais ou menos alta ou grossa, chegar a desenvolver flores etc.)" (Idem).

O corpo etérico imanente da planta, que é suprassensível, tem a capacidade de dar vida a essa espécie e de produzir-lhe as manifestações vitais.

Quanto aos animais, Setzer afirma que eles possuem as mesmas manifestações vitais que a planta, porém de outra forma. O autor assinala que o animal possui um constituinte a mais em relação à planta, que é o corpo astral, com mais capacidade vital do que o corpo etérico, modificando tanto o corpo etérico quanto o físico.

É devido ao Corpo Astral que o animal tem movimento, inclusive independente de estímulos exteriores: se um animal tem fome, sairá à procura de alimento independente de sentir, por exemplo, o cheiro deste. Mas além disso, o Corpo Astral permite ao animal ter sensações, sentimentos, instintos, manifestação exterior através de sons (piado, mugido, urro etc.). É por meio de sua astralidade que o animal manifesta seus sentimentos empregando sons, como um uivo de dor, um rosnado de ameaça etc. Devido a ela, um cachorro pode abanar o rabo manifestando satisfação (Setzer, 2023, s/p).

As manifestações dos animais, portanto, estão dotadas de uma capacidade mais potencial. Com o ser humano, além dos elementos apresentados, ele possui três aspectos da alma e ainda o espírito “A Alma Racional e da Índole, a Alma da Consciência e ainda o espírito fazem com que ele se distinga dos animais.” (Setzer, 2023, s/p).

Toda essa multifocalidade temática torna possível diversas discussões. Nesse sentido, Mutarelli (2006) e Setzer (2023) assinalam que a abordagem antroposófica aplica-se, portanto, a várias áreas práticas. O próprio Steiner (2001) assinalava que toda manifestação linguística carrega em si uma dimensão anímica e espiritual do ser humano.

Com base nessa compreensão, propõe-se uma articulação entre os fundamentos da antroposofia e os estudos do léxico, com ênfase no vocabulário indígena presente nas obras de José de Alencar. Ao integrar a análise lexical ao horizonte simbólico da antroposofia, busca-se compreender como os nomes, em sua materialidade linguística e em sua carga simbólica, revelam modos de percepção, de relação com o meio e a espiritualidade.

A inter-relação entre essa abordagem e o léxico indígena das obras *Iracema* e *O Guarani* será verificada a partir de uma leitura interpretativa que percebe o simbolismo dos personagens com os princípios fundamentais da antroposofia, como a conexão entre o ser humano, a natureza e o cosmos, e a busca por sentido espiritual nas narrativas humanas.

Leitura Antroposófica Possível Via Léxico Indígena em *O Guarani* e *Iracema*

O estudo do léxico é seminal para conhecer-se diversos fatores da cultura, história e cosmovisão de um povo e, por ser um conhecimento interdisciplinar, pode subsidiar pesquisas em diferentes perspectivas, como nas palavras presentes nas obras de literatura, que se tornam uma fonte de dados e informações em um espaço fictício.

Com base nisso, para Biderman (2001, p. 13), “O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do Universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Lara (2006) comprehende o léxico como um elemento central da riqueza das línguas e da possibilidade humana de conservar suas memórias e experiências compartilhadas. Este autor (2006, p. 144) afirma que à Lexicologia, toca “definir as características e as propriedades do léxico” (Tradução nossa).

Para Dick (1992), a nomeação, além de sua função referencial, envolve aspectos históricos, sociais e simbólicos, funcionando como signo que revela uma visão de mundo. Desse modo, os nomes indígenas utilizados por Alencar não apenas denominam elementos da fauna, flora, cultura material e personagens, mas também atuam como índices de uma cosmovisão indígena e brasileira, sendo, assim, objeto privilegiado de investigação linguística. Nesse sentido, Carvalhinhos (2009, p. 83) afirma que “o nome de lugar é uma representação individualizadora do espaço utilizada pelo homem”. Assim, na obra literária o topônimo

assume além da função identificadora, a responsabilidade de situar o leitor no espaço da narrativa, isto é, o nome do lugar é um ponto de conexão entre o leitor e o espaço da obra.

Ávila (2018) cita vários estudos realizados acerca do léxico indígena na obra de Alencar e realiza uma análise lexical detalhada das obras *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*, sob a perspectiva da Linguística de Corpus em interface com o que denominou Etimologia Ficcional Contextual que “é, então, a análise ou a busca da origem dos vocábulos a partir da interpretação no contexto de emprego nas obras indianistas de Alencar” (*Idem*, p. 82).

Uma visão mais apurada do léxico em uma obra literária possibilita estabelecer relações entre o ambiente e a narrativa, além de dados históricos e geográficos do ponto de vista da língua e da cultura do período em que foi escrito o romance.

A obra *Iracema*, publicada no ano de 1865, é um romance em que José de Alencar cria uma explicação poética para as origens de sua terra natal, considerada uma lenda (Fernandes et. al., 2016), e discute sobre o processo de colonização e miscigenação do povo brasileiro. Iracema, a virgem dos lábios de mel, é protagonista da narrativa e tornou-se símbolo do estado do Ceará. Moacir, seu filho com Martim, é o primeiro cearense mestiço, fruto da união de duas raças distintas (indígena e europeu), sendo toda a narrativa uma representação do que aconteceu com a América na época da colonização europeia (*ibidem*). Iracema representa a origem mítica do povo brasileiro, filha virgem do Pajé da tribo Tabajara, consagrada ao deus Tupã, carrega consigo o segredo da Jurema, uma bebida dotada de poderes alucinógenos e afrodisíacos utilizada nos rituais, portanto, também carregada de ancestralidade.

A obra *O Guarani*, publicada em 1857, aborda um estágio avançado da colonização brasileira, narrando a história de Peri, um indígena da aldeia Goitacá que se apaixona por Cecília, filha do fidalgo português Dom Antônio de Mariz (Alencar, 2019). Peri é retratado como um herói. A obra é fundamental para a discussão da identidade nacional, da natureza brasileira e como o indígena foi retratado (*ibidem*). Peri representa o mito heroico do povo brasileiro, com características sobre-humanas enfrenta animais selvagens, vence inimigos e conhece todos os mistérios da floresta. Representa o herói épico “Peri conquista a condição de herói onipresente não apenas por sua força, mas, sobretudo, por sua inteligência e por sua condição de depositário do saber acumulado por sua raça” (De Marco, 2004, p. 14).

Literatura e léxico estão entrelaçados, porque, além do discurso, constituem-se por meio de diversos fatores sociais, culturais e fatores do ambiente. Essa articulação teórica, associada à antroposofia, permite identificar e classificar os nomes presentes nas obras, bem como interpretá-los como elementos de uma linguagem simbólica, que reflete o entrelaçamento entre natureza, cultura e espírito. Trata-se, portanto, de uma abordagem interdisciplinar que comprehende a linguagem como expressão da memória coletiva e do imaginário social, conforme reforçam Ferretti e Lima (2015), ao destacarem a relação entre

linguagem, cultura popular e simbolismo lexical. Portanto, a plurivocidade de uma obra literária possibilita uma amplitude de possibilidades para desvendar fatos linguísticos ao considerar a relação da língua e do meio ambiente. Pesquisar o léxico é uma tarefa desafiadora, pois é preciso apresentar informações, entrecruzar interpretações várias que reafirmam a formação cultural, social e histórica, a visão de mundo dos sujeitos de uma comunidade.

José de Alencar apresentou aspectos linguísticos que retrataram e valorizaram a identidade dos povos indígenas, via representação simbólica da linguagem em que o português brasileiro daquela época, carregado de palavras que representavam a cultura indígena, reafirmava-se como língua e contribuía com a formação identitária e a nacionalidade de um país recém libertado.

Embora a obra alencariana esteja situada no século XIX, inserido no Romantismo brasileiro, com objetivos mais relacionados à construção de uma identidade nacional, e a antroposofia seja um movimento filosófico e espiritual do século XX, acredita-se ser possível traçar paralelos entre seus elementos. Sob o ponto de vista de Setzer (2023), essa doutrina aborda uma visão histórica e fornece uma grandiosa perspectiva para a evolução da Terra e do ser humano, abrangendo todo o passado histórico e pré-histórico para se compreender conceitualmente muito do que foi transmitido na antiguidade e na ancestralidade, resgatando, assim, a continuidade histórica, mostrando como o ser humano atual é a consequência de uma linha de acontecimentos espirituais e físicos desde o princípio do universo.

Com base na metodologia delineada, segue-se à de análise, dos termos de origem indígena identificados segundo os eixos temáticos: plantas, animais, elementos da cultura material e nomes próprios, com a descrição etimológica baseada em dicionários etimológicos de base indígena, vinculando-se a dimensão lexical aos aspectos culturais, espirituais e interpretativos propostos pela abordagem antroposófica. Tal articulação permite compreender como o repertório lexical indígena criado nas obras analisadas participa da construção de sentidos na literatura e revela essa cosmovisão.

Quadro 01 - Nomes de plantas identificados nas obras

Nome	Descrição de termos indígenas de <i>O Guarani</i>
Carnaúba	Palmeira da subfamília das corifóideas, de cujas folhas se extrai uma cera muito utilizada na fabricação de velas, pasta para soalhos, vernizes etc., carnaubeira (Cunha, 1999, p. 106).
Copaíba	Planta da família das leguminosas, de que se extrai um óleo com propriedades medicinais. (Cunha, 2010, p. 178).
Jacarandá	Nome comum a diversas plantas das famílias das leguminosas e das bignoniáceas que fornecem excelente madeira para móveis e outras obras finas de marcenaria (Cunha, 1999, p. 164).

Jatobá	Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas; variedade de jataí (Cunha, 1999, p. 176).
Jenipapo	Fruto do jenipapeiro, uma baga subglobosa, amarelo-pardacenta, com polpa aromática, comestível, de que se fazem compotas, doces, xaropes, bebida refrigerante, bebida vinosa e licor, e de que se extrai tinta preta, usado pelos indígenas, há milênios, em petróglifos, cerâmica, cestaria, tatuagens, pintura corporal etc. (Dicionário Houaiss Online).
Jurema	Planta da família das leguminosas (Cunha, 1999, p. 185). Nome de mulher do Tupi (Artur Neiva, Estudos da língua nacional, 108) de <i>Jurema</i> , árvore da família <i>Leguminosae</i> (<i>Pithecolobium tortum</i>), palavra de origem tupi (Acacia jurema Mart. ou <i>Spina dulcis</i>). Etimo duvidoso. (Nascentes, 1952, p. 164, Tomo II).
Oiticica	Planta da família das rosáceas (Cunha, 1999, p. 222). Oiticica: pertence ao número dos criados pelo nacionalismo dos tempos da Independência. De <i>oiticica</i> , nome da árvore <i>Licania</i> , palavra de origem tupi (Machado, 2003, p. 1088).
Ubaia	Planta da família das mirtáceas, ubaieira (Cunha, 1999, p. 304).
Nome	Descrição de termos indígenas de Iracema
Biribá	Planta da família das anonáceas; o fruto da planta (Cunha, 1999, p. 72)
Cabuíba	Mesmo que cabreúva (<i>Myrocarpus frondosus</i>), Cabreúva – árvore de até 30 metros (<i>Myrocarpus frondosus</i>) da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, aromática e melífera, de casca cinza-pardacenta, madeira avermelhada com manchas amarelo-escuras, folhas imparipenadas, flores brancas e frutos oblongos (Dicionário Houaiss Online);
Cajueiro-bravo	<i>Cajueiro</i> – [apresenta derivação de caju] Planta da família das anacardiáceas (<i>Anacardium occidentale</i>); cajueiro. (Cunha, 1999, p. 88) <i>Caju</i> – Fruto do cajueiro (<i>Anacardium occidentale</i>) (Cunha, 1999, p. 86).
Pequiá	Planta da família das cariocaráceas (Cunha, 1999, p. 231). Do substantivo masculino <i>pequiá</i> , árvore cariocarácea. (Machado, 2003, p. 1160).
Sapucaia	Planta da família das lecitidáceas. (Cunha, 1999, 259). Primitivamente pouso de tropeiros. "A sombra de frondosa sapucaia aqueles infatigáveis condutores de mercadorias descansavam das rudes caminhadas entre o interior e o Porto da Piedade". (Nascentes, 1952, p. 276, Tomo II).
Ticum	<i>Ticum ou Tucum</i> – nome comum a várias espécies de palmeiras do gênero <i>Astrocaryum</i> (como a <i>A. vulgare</i> Mart.) e <i>Bactris</i> (como a <i>B. setosa</i>) (Cunha, 1999, p. 297).

Fonte: Alencar (2006; 2019).

A princípio, ressalte-se, desde a abordagem antroposófica, a capacidade de a planta se distinguir dos elementos minerais pela imanência de um constituinte superior, o Corpo Etérico, interagindo com o meio ambiente através do Corpo Físico e assumindo formas diferentes, seguindo seu ritmo natural em sintonia com os ciclos da natureza. Assim, em conformidade com sua ambiência em relação à região, como a do crescimento, do desenvolvimento de flores e de frutos (Steiner *apud* Setzer, 2023).

Uma leitura antroposófica do léxico indígena diz respeito ainda ao significado e simbolismo desses nomes. Verifica-se que os termos escolhidos por Alencar não são apenas descritivos, mas carregam profundos significados culturais e espirituais, alinhando-se à visão de que cada ser humano está intrinsecamente ligado ao ambiente e ao universo. Observa-se a diversidade de árvores que são provenientes da língua indígena Tupi. Essas escolhas seguramente não são aleatórias: a palavra *carnaúba* nomeia uma espécie de palmeira muito comum no bioma caatinga que constitui grande parte da flora do estado do Ceará, em que as raízes têm uso medicinal, os frutos servem para ração animal, o tronco é utilizado como madeira para construções, as palhas são muito utilizadas de forma artesanal, assim como a cera extraída dessa planta possui diversas utilizações.

Na obra *Iracema*, outro termo que designa uma planta é *copaíba*, conhecida por seu óleo medicinal, amplamente utilizado até os dias de hoje, inclusive por pessoas não indígenas. O jenipapo, por sua vez, é um fruto amplamente empregado na fabricação de bebidas. Já a *jurema* não apenas nomeia uma planta, mas também é uma bebida sagrada preparada com espécies nativas, conhecida por suas propriedades alucinógenas e afrodisíacas, utilizada em rituais espirituais. Posteriormente, a *jurema* foi alvo de condenação e repressão pelos colonizadores, em um processo de apagamento dos saberes e cultos secretos dos povos originários. Por fim, o tucum, além de ser utilizado na extração de óleo, destaca-se como um alimento altamente nutritivo.

A obra *Iracema*, escrita em um período em que a riqueza natural do Brasil ainda estava sendo redescoberta, torna-se uma referência direta ao processo de colonização no território que hoje corresponde ao estado do Ceará. Essa ligação é tão marcante que uma das praias do litoral da capital cearense recebeu o nome da personagem principal dessa icônica obra.

O trecho a seguir, retirado de “O *Guarani*”, descreve as matas e florestas que compõem o cenário desta obra literária, o que nos faz perceber a exuberância e abundância de mata nativa que existia no Brasil no início da colonização:

A vegetação nessas paragens ostentava todo o seu fluxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras. Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa (Alencar, 2019, p. 09).

A grande maioria dessas matas e florestas é constituída por árvores com nomes de índole Tupi, tendo em vista que estes são originários do país e denominaram muitos elementos do espaço físico onde estavam situados. Posteriormente, com a colonização portuguesa, muitos outros elementos da cultura europeia foram impostos ao ambiente brasileiro, como a cultura, festas, músicas, literatura, plantas e, a mais importante de todas, a

nossa língua portuguesa. Algumas dessas plantas mencionadas encontram-se na vegetação do país atualmente, como na região do bioma cerrado (e em outros biomas) como ticum (ou tucum), cajueiro, carnaúba, jatobá, jenipapo, pequiá (ou pequi) e a sapucaia. Entretanto, “entre 2019 e 2020 o desmatamento na Amazônia e as queimadas elevaram-se a níveis exponenciais, prejudicando seriamente a imagem do Brasil no exterior (Marcovitch; Pinsky, 2020).

Atualmente, a abundância de mata nativa não é uma realidade de matas e florestas. Muitas espécies entraram em extinção, como o *pau-brasil*, que foi altamente explorado pelos portugueses e seus descendentes brasileiros, exportando esta espécie para ser comercializada no continente Europeu, devido à coloração vermelha presente no tronco da árvore, o que a tornou extinta. Além da exportação, outro fator que vem contribuindo significativamente para a extinção de espécies nativas é o desmatamento ilegal, o avanço do agronegócio sem uma prática sustentável, a modificação do habitat natural, dentre outros fatores.

Assim, a simbologia da cosmovisão dos povos indígenas é claramente ressaltada na obra alencariana com a listagem desses termos. Percebe-se, portanto, toda uma substancialidade material dessas plantas, bem como, conforme assinala Setzer (2023), uma 'substancialidade' suprassensível e suas manifestações de vida.

A antroposofia, segundo Setzer (2023, s/p), “cobre toda a vida humana e a natureza” o que a torna uma abordagem filosófica com essas aplicações diversas da vida. A despeito de sua forte relação com a natureza, Steiner também contribuiu com uma abordagem da medicina antroposófica - que combina as práticas populares convencionais com terapias naturais e espirituais - ou biomedicina bem como uma cosmovisão de busca pela harmonia corpo, alma e espírito. Nesse sentido, os povos indígenas do Brasil encontram nas plantas a solução para as suas enfermidades físicas e espirituais, aplicando-as em suas necessidades de autocuidado, o que lhes proporciona um saber sobre a flora que os rodeia, por meio de práticas sustentáveis e do respeito ao equilíbrio ecológico, bem como uma valorização dos saberes ancestrais. Esse conhecimento botânico, também conhecido como agricultura biodinâmica, é passado de geração em geração, inclusive para os não indígenas. Pode-se perceber essa relação com a natureza no seguinte trecho da obra de *Iracema*:

Poti cismava. Em sua cabeça de mancebo morava o espírito de um Abaeté. O chefe pitiguara pensava que o amor é como o cauim, o qual bebido com moderação fortalece o guerreiro, e tomado em excesso abate a coragem do herói. Ele sabia quanto veloz era o pé do tabajara; e esperava o momento de morrer defendendo o amigo (Alencar, 2006, p. 20, grifo nosso).

A palavra grifada refere-se a uma bebida fabricada através da fermentação da mandioca, do milho, do caju, o ananás ou de várias outras plantas. Percebe-se que o

indígena, em sua forte e intensa relação com a natureza, faz uso direto de seus recursos para a sobrevivência, para o cuidado com a saúde e até mesmo para o fortalecimento dos guerreiros para o enfrentamento dos desafios que encontrarem, como visto no trecho mencionado.

A relação do indígena com a natureza é marcada pelo uso direto de seus recursos para a sobrevivência, o cuidado com a saúde e o fortalecimento dos guerreiros diante dos desafios, como se observa no trecho citado.

Esses povos são de importância primordial para a preservação do meio ambiente, pois possuem intrinsecamente uma visão de mundo antroposófica da relação do homem com as coisas, com o meio ambiente, percebidas pelos sentidos, pelas impressões causadas por essas coisas, em que o agrado e os conhecimentos adquiridos a partir das plantas impactam na espiritualidade, como propõe Steiner (apud Mutarelli, 2006). Lembre-se que eles retiram da natureza somente aquilo que é-lhes necessário para sobreviver. Protegem as matas, florestas, animais e rios que circundam suas moradias, não realizando nenhum tipo de ato que possa colocar em risco a natureza, como muitas pessoas o fazem, nos dias de hoje.

Como é solene e grave no meio das nossas matas a hora misteriosa do crepúsculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Criador para murmurar a prece da noite! Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície; essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos, que, esvazando-se pelo redondo da folhagem, vão brincar um momento sobre a areia; tudo respira uma poesia imensa que enche a alma (Alencar, 2019, p. 35)

No trecho mencionado acima observa-se a exaltação da natureza e uma descrição minuciosa do cenário, o culto a esta paisagem e os fenômenos naturais que acontecem mediante a execução dos fatos da narrativa. Na obra *Iracema*, essas características são perceptíveis logo no início da narrativa.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios de sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros; serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas (Alencar, 2006, p. 07, grifo nosso).

A palavra “*mares*”, grifadas na citação, faz uma relação entre todas as imagens que representam a natureza, as extensas matas e florestas presentes no espaço da narrativa, além de fenômenos da natureza, animais e plantas presentes no lugar. A palavra *carnaúba*, como já informado, refere-se a uma espécie de palmeira muito comum no bioma caatinga que constitui a flora do estado do Ceará, sendo a obra *Iracema* uma referência direta à colonização desse estado brasileiro.

Em sequência, passa-se à análise dos nomes que referenciam os animais.

Quadro 02 - Nomes de animais identificados nas obras

Nome	Descrição de termos indígenas de <i>O Guarani</i>
Ará	Mesmo que arará, designativo comum de algumas aves psitaciformes da família dos psitacídeos (<i>Anodorhynchus</i> , <i>Ara</i> e <i>Cyanopsitta</i>), que ocorrem na América Latina, possuem grande porte e são dotadas de bico alto, curvado e de calda longa (Dicionário Houaiss Online).
Cauã	Mesmo que acauã, <i>Acauã</i> – ave falconiforme da família dos falconídeos (<i>Herpetotheres cachinnans</i>), que ocorre do México até a Argentina, sendo local e temporalmente encontrada no Brasil, com cerca de 47cm de comprimento, plumagem amarelo-creme, dorso escuro, região perioftálmica com faixa negra, que se estende até a nuca, e cauda negra, barrada de branco [Seu canto, emitido no crepúsculo e ao alvorecer, é considerado mal-agourado e prenunciador de chuvas] (Dicionário Houaiss Online). Cauã – ave de rapina. (Machado, 2003, p. 378).
In huma	Mesmo que <i>anhuma</i> (<i>Anhima cornuta</i>), <i>Anhuma</i> – ave anseriforme, paludícola, da família dos anhimídeos (<i>Anhima cornuta</i>), de ampla distribuição amazônica, podendo atingir outras regiões do Brasil (Dicionário Houaiss Online). Do tupi <i>ña'e ü</i> , barro de panela (Teodoro Sampaio, 224). Martius tirou do nome vulgar de uma ave do gênero Alicorne. Deve tratar-se da inhaúma ou in huma ou an huma, ave da família <i>Palamedidae</i> . (Nascentes, 1952, p. 149, Tomo II).
Goiandum	Mesmo que <i>guaiamu</i> (<i>Cardisoma guanhumi</i>), grande caranguejo da família dos gecarcinídeos (<i>Cardisoma guanhumi</i>), encontrado da Flórida ao Brasil (até SP), em lugares lamacentos, próximos ao mar (Dicionário Houaiss Online)
Irara	Mamífero carnívoro da família dos mustelídeos, papa-mel (Cunha, 1999, p. 157).
Irapuã	Abelha social brasileira (<i>Trigona spinipes</i>), da subfamília dos meliponíneos, de coloração negra reluzente, de 6,5 mm a 7 mm de comprimento, com pernas ocreadas e asas quase negras na metade basal e mais claras na metade apical (Dicionário Houaiss Online). De <i>irapuã</i> (denasalado), a abelha <i>Trigona ruficrus</i> , da família <i>Meliponidae</i> (Batista Caetano, 175, Teodoro Sampaio, 228). Tirou de <i>ira apuã</i> que na realidade é o étimo, mas interpretado de outro modo: favo de mel convexo. (Nascentes, 1952, p. 150, Tomo II).
Jaçanãs	Ave da família dos parrídeos (Cunha, 1999, p. 164).
Jati	<i>Jati, Jataí</i> , abelha social (<i>Tetragonisca angustula</i>) da subfamília dos meliponíneos, de ampla distribuição brasileira, apresenta cabeça e tórax pretos, abdômen escuro e pernas pardacentas, mede até 4mm de comprimento (Dicionário Houaiss Online).
Nome	Descrição de termos indígenas de <i>Iracema</i>
Cutia	Mamífero roedor da família dos dasiprotídeos (Cunha, 1999, p. 125). Top. No Brasil, frequentemente (muitas vezes escrito <i>Cotia</i> , como no Vocativo). Do substantivo feminino <i>cutia</i> , pequeno mamífero roedor. <i>Cutias</i> , no Brasil: Amazonas, Baía, Maranhão, Paraíba, Sergipe (Machado, 2003, p. 484).
Guanumbi	Mesmo que beija-flor (no sentido de 'designação comum'), <i>Beija-Flor</i> – designação comum às aves apodiformes da família dos troquilídeos, encontradas nas três amérias, de asas longas, bico longo e fino e língua muito comprida, usada para retirar o néctar das flores (Dicionário Houaiss Online).
Juriti	Ave columbiforme da família dos peristerídeos (Cunha, 1999, p. 185)
Urutau	Ave caprimulgiforme da família dos nictibídeos, coruja (Cunha, 1999, p. 311).

Fonte: Alencar (2006; 2019).

Assim como as plantas, percebe-se que os animais são apresentados em grande abundância em ambas as obras de Alencar. Ecologicamente, em um ambiente altamente equilibrado, eles têm funções primordiais e de grande importância para que o ecossistema funcione em perfeita harmonia e equilíbrio, como afirmam Rodrigues *et al.* (2004):

Os animais realizam muitas funções fundamentais para o equilíbrio natural, desde a polinização das flores para que as plantas produzam frutos e sementes, a dispersão das sementes, para que as florestas e outras formas de vegetação cresçam e multipliquem-se, até a própria composição do ciclo da vida na Terra, participando das cadeias alimentares, da ciclagem dos nutrientes e de tantas outras funções (Rodrigues *et al.*, 2004, p. 8).

Retomando a categorização de Steiner, os animais possuem as mesmas manifestações vitais das plantas, porém de forma bem mais desenvolvida. Para além do Corpo Etérico das plantas, eles possuem astralidade, o que lhes dá mais capacidade vital, tais como a sensação de fome, de dor, a capacidade de atuarem para se defender, de procurarem alimentos, de terem sensações, sentimentos, instintos e manifestação exteriores como o piado, latido, mugido, urro, entre outras.

Vecchia (2019) informa que a destruição dos habitats naturais dos animais está ligada ao desmatamento da fauna, pois é nas matas e florestas que as diversas espécies de animais encontram os fatores primordiais para a sua sobrevivência e, com a devastação da vegetação, imediatamente ocorre a destruição do lugar onde eles vivem, a destruição da sua fonte de alimentação, a ausência dos locais apropriados para a construção de ninhos e o isolamento de populações em fragmentos de vegetação que não lhes possibilitam se comunicarem. A autora ainda afirma que algumas atividades humanas são prejudiciais para a boa existência dos animais de forma direta, mesmo onde a perda de seus habitats não é evidente, como é o caso da caça e dos atropelamentos nas rodovias. Percebe-se a abundância de animais no seguinte trecho da obra *Iracema*:

Além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que as asas da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo de jati não era doce como o seu sorriso. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. [...] Enquanto repousa, empluma das penas da gará as flechas de seu arco. A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes, chama a virgem pelo nome (Alencar, 2006, p. 8, grifo nosso).

O trecho citado refere-se ao momento da descrição da personagem principal, Iracema, e as palavras grifadas, aos animais que são comuns no meio ambiente da narrativa, além da companheira de Iracema, a graciosa ará, uma espécie de ave encontrada na América Latina. Na obra “O Guarani”, destacam-se os seguintes trechos “Os animais retardados procuravam

a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia (Alencar, 2019, p. 34, grifo nosso)". E ainda:

O urutau no fundo da mata solta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas de verdura, vão ecoar ao longe como no toque lento e pausado do ângelus (Alencar, 2019, p. 35, grifo nosso)".

- E se fosse só isto? - continuou ela. Porém não para aqui: amanhã vereis que nos traz algum jacaré, depois uma cascavel ou uma jiboia; encher-nos-á a casa de cobras e lacraus. Seremos aqui devorados vivos, porque a um bugre arrenegado deu-lhe na cabeça fazer as suas bruxarias! (Alencar, 2019, p. 59, grifo nosso).

As palavras “*jiboia*⁵” e “*jacaré*⁶”, mencionadas anteriormente, não constam no Quadro 2 acima, mas fazem parte do léxico indígena, enquanto as palavras “*cobras*” e “*lacraus*”, não são do léxico indígena, mas são nomes de animais que são mencionados no enredo.

Os animais e as plantas presentes nas obras *Iracema* e *O Guarani* estão profundamente conectados aos ciclos de vida, com a morte e a renovação, que são elementos centrais na visão antroposófica. Esses ciclos, vivenciados tanto pelos elementos da natureza quanto pelos personagens, refletem o processo de evolução espiritual do ser humano em busca de sua integração a uma totalidade.

Essa evolução espiritual indica a criação de artefatos culturais, como segue.

Quadro 03 - Nomes de elementos da cultura material identificados nas obras

Nome	Descrição de termos indígenas de <i>Iracema</i>
Boré	Espécie de flauta indígena (Cunha, 1999, p. 74)
Caiçara	Cerca tosca, construída com galhos e ramos entrançados, usada pelos indígenas para defesa e proteção de suas tabas, seus currais etc., <i>por extensão</i> , qualquer cercado de construção rústica (Cunha, 1999, p. 82).
Cauim	Denominação genérica das bebidas fermentadas que os indígenas preparavam com a mandioca e o milho, como também com o caju, o ananás e diversas outras frutas (Cunha, 1999, p. 108).
Cumucim	Cumucim, camucim – pote de barro de cor preta, vaso de barro em que os indígenas enterravam seus mortos (Dicionário Houaiss Online)
Igaçaba	Talha, pote, <i>por extensão</i> , recipiente de grandes dimensões, urnas funerárias dos indígenas (Cunha, 1999, p. 151)
Igará	Canoa indígena (Cunha, 1999, p. 151)

⁵ Grande serpente arborícola da família dos boídeos (*Boa constrictor*), encontrada no México ao norte da Argentina, com até 4 m de comprimento e dorso amarelo, castanho ou cinza, com manchas ovais avermelhadas [alimenta-se de mamíferos, aves e répteis, que são mortos por constrição]. Do Tupi *yí'mboya* no sentido de 'cobra não venenosa, da família dos boídeos, que geralmente vive na água', formada de *yú*'i no sentido de 'nome genérico da rã' e '*mboya* no sentido de 'cobra' (Dicionário Houaiss Online).

⁶ Réptil da família dos aligatorídeos (*Caiman crocodilus*), de até 3 m de comprimento e aparência de um pequeno-crocodilo, encontrado desde o México até a Argentina, muito abundante em algumas regiões; caimão, jacaré-de-óculos, jacaretinga [As subespécies *C. c. crocodilus* e *C. c. yacare* são tratadas às vezes como espécies distintas]. Do Tupi *yaka're* no sentido de 'nome comum a vários répteis crocodilianos; a denominação indígena é de valor totêmico (Dicionário Houaiss Online).

Jacumã	Espécie de remo usado como leme (Cunha, 1999, p. 168)
Maracá	Espécie de chocalho indígena, <i>Itamaracá</i> (Cunha, 1999, p. 204). Ilha do território do Amapá. De <i>maracá</i> , espécie de chocalho dos índios, palavra de origem tupi (Nascentes, 1952, p. 189, Tomo II).
Moquém	Carne preparada segundo uma técnica indígena primitiva, que foi transmitida aos primeiros colonizadores europeus e que é ainda hoje adotada no Brasil, particularmente no sertão; espécie de grelha, feita de varas, usada para assar ligeiramente a carne (Cunha, 1999, p. 212).
Tacape	Arma ofensiva, espécie de maça usada pelos indígenas (Cunha, 1999, p. 273). Do latim <i>Tacâpa</i> , antiga Cidade de África (Machado, 2003, p. 1376).
Nome	Descrição de termos indígenas de <i>O Guarani</i>
Bororé	Bororé, Bororê – sm. ‘veneno com que os índios do Brasil empeçonhavam as flechas (Cunha, 2010, p. 98)
Muçurana	Corda com que os índios amarravam os prisioneiros (Cunha, 1999, p. 214).

Fonte: Alencar (2006; 2019).

Neste quadro referente às palavras relacionadas à cultura indígena, percebe-se que entre elas há expressões que se referem a objetos como as urnas funerárias, instrumentos para produzir som como *chocalho* e *flauta*, objetos utilizados para defesa como *armas ofensivas* e *construção rústica*, bebidas utilizadas nos rituais de pajelança, sendo uma delas um tipo de veneno, técnicas de preparo e conservação de alimentos como o moqué, objetos utilizados como transporte, a canoa, *igará*, e o remo, o *jacumã*, por exemplo.

A relação entre os nomes de termos da cultura material e espiritual indígenas nas obras alencarianas e a teoria antroposófica reside exatamente na riqueza simbólica desses termos que trazem essas narrativas. Os nomes desses artefatos da espiritualidade nas trajetórias de *Iracema* e *O Guarani*, podem ser interpretados como expressões do vínculo profundo entre o ser humano e a natureza, ecoando os princípios da antroposofia. Esses elementos e personagens não apenas representam a cultura indígena brasileira, mas também simbolizam valores universais de conexão, transformação e regeneração espiritual, que são essenciais para a compreensão do ser humano em sua totalidade.

A seguir, observam-se os nomes que evocam seres humanos ou figuras humanizadas.

Quadro 04 - Nomes próprios identificados nas obras

Nome	Descrição de termos indígenas de <i>Iracema</i>
Araquém	Pássaro (ara) que dorme (kér), dorminhoco" (?). personagem de um dos romances de José de Alencar (Guérios, 1973, p. 56). Pai de Iracema, é o pajé (sacerdote) da tribo dos tabajaras; nome de homem. Nome criado por José de Alencar para o pai de Iracema. O romancista não inventou, porém, nenhuma interpretação tupi para ele. (Nascentes, 1952, p. 23, Tomo II).

Baturité	<i>Top.</i> Serra e cidade do Ceará (Brasil) (Machado, 2003, vol. 01, p. 228). José de Alencar, <i>Iracema</i> ed. de 1936, pg. 175, interpreta como <i>batu'ira e'té</i> , narceja ilustre. A narceja é uma ave charadriiforme da família Scolopacidae. (Nascentes, 1952, p. 40, Tomo II).
Caubi	Nome de homem. Do tupi <i>ka'a</i> , folha, e <i>uo'bi</i> , azul, anil (Nascentes, 1952, p. 56, Tomo II). Irmão de Iracema, leal e defensor das tradições do povo tabajara.
Iracema	“Saída ou fluxo (cema) do mel (ira)”, ou: “saída das abelhas”, ou “enxame” (Guérios, 1973, p. 130). A protagonista, cujo nome significa “lágrima” ou “mel em forma de lágrima” em Tupi, ela representa a personificação da terra brasileira. Nome de mulher. Criação de José de Alencar quando deu nome à personagem título de seu romance <i>Iracema</i> . Em guarani significa lábios de mel, <i>ira-me</i> e <i>tembe-lábios</i> . (Nascentes, 1952, p. 150, Tomo II).
Irapuã	A abelha <i>Trigona Ruficrus</i> , da família das Meliponidae. [...] Ira não é favo, é mel de abelha. <i>Apuã</i> quer dizer “redondo”, esta abelha faz ninho em bola. Foi nome de um chefe tabajara da serra de Ibiapaba. Alencar, <i>Iracema</i> , ed. de 1936, pg. 164. O chefe dos tabajaras, que se opõe ao relacionamento entre Iracema e Martim. De <i>irapuã</i> (denasalado), a abelha <i>Trigona ruficrus</i> , da família Meliponidae (Batista Caetano, 175, Teodoro Sampaio, 228). Tirou de <i>ira apuã</i> que na realidade é o étimo, mas interpretado de outro modo: favo de mel convexo. (Nascentes, 1952, p. 150, Tomo II).
Jurupari	Demônio incubo das crendices tupis, que tapava a boca dos dormentes, causando pesadelos. Do tupi <i>Yurupa'ri</i> , formado de <i>yu'ru</i> , boca, e <i>pa'ri</i> , fechada (?), ou melhor, cercado de talas com que se fecham as bocas de correntes d’água, para impedir que o peixe saia ou entre. (Nascentes, 1952, p. 165, Tomo II). Diabo, entre os indígenas (Cunha, 1999, p. 186).
Maranguapé	Do tupi, derivou de <i>marã'wa pe</i> , no vale da batalha ou da luta. Alencar, <i>Iracema</i> , pg. 106 da ed. De 1936 (Nascentes, 1952, p. 190). <i>Top.</i> No Brasil: Ceará. (Machado, 2003, vol. 02, p. 941).
Moacir	Nome de homem. Do tupi <i>mboa'su</i> , fazer doer, dor, e <i>ir</i> , saído de, o saído da dor, o que molesta, o que faz mágoa. Alencar, <i>Iracema</i> , ed. de 1936, 140, 180. (Nascentes, 1952, p. 203, Tomo II). Filho de Iracema e Martim, cujo nome significa “filho da dor” em Tupi, simbolizando o nascimento do povo brasileiro a partir da união entre as culturas indígena e europeia.
Pajé	Chefe espiritual entre os indígenas, feiticeiro (Cunha, 1999, p. 226). Pajeú – Do tupi <i>pa' yé ü</i> , {o pajé come} (Machado, 2003, p. 1118).
Poti	Nome de um índio que se notabilizou nas guerras contra os holandeses (séc. 17). Batizado, recebeu o n. de Antônio Filipe (em atenção a Filipe, da Espanha) e o sobrenome Camarão , tradução de Poti (Guérios, 1973, p. 181). Um pitiguara, cujo nome é inspirado no peixe “poti” ou “tambaqui”, comum nos rios brasileiros.
Tupã	Designação tupi do raio e do trovão e, por extensão, Deus (Cunha, 1999, p. 299). Nome tupi dum deus bom, espécie de Ente Supremo T. Sampaio, p. 157, 2 ^a ed.) Foi adoptado pelos primeiros missionários cristãos para designar Deus. Era o génio das tempestades, cuja luz se via no relâmpago e cuja voz se ouvia no trovão. Segundo Nascentes –II, s. v., {em tupi <i>Tupana</i> , em guarani <i>Tupã</i> , de mui duvidosa interpretação}. Séc. XVI: {Não tem nome próprio com que expliquem a Deus, mas dizem que Tupã é o que faz os trovões e relâmpagos}, Cardim, p. 163 (Machado, 2003, p. 1439).
Nome	Descrição de termos indígenas de O Guarani

Aimorés	Denominação dada a indígena de grupos de diversas regiões geográficas que não falavam Tupi, alguns passaram a ser chamados <i>gueréns</i> no séc. XVII, e <i>botocudos</i> , nos séculos seguintes. Etnônimo brasílico: <i>Aimoré</i> (Dicionário Houaiss Online). Índios do Brasil. Ancheta escreveu <i>guaimuré</i> . Batista Caetano derivou de <i>hâimo're</i> , de <i>hâi</i> , dente, e <i>mbo're</i> , pretérito de <i>mbor</i> , ter o que tem dentes, o mordedor. Teodoro Sampaio interpreta como <i>gwai-mur-re</i> , indivíduo de nação diferente, aquele que é povo diferente, diz que o nome foi dado pelos tupis e se deriva de um peixe de ovas muito peçonhentas. (Nascentes, 1952, p. 7, Tomo II).
Ararê	“afeiçoadão, amigo dos papagaios” (T. Sampaio). Nome de um personagem de “Iracema” de Alencar (Guérios, 1973, p. 57)
Cacambo	Líder de um grupo de índios aimorés, inimigos da tribo de Peri e dos personagens portugueses. Nome inventado para um guarani por Voltaire no Cандide e aproveitado por Basílio da Gama (Uruguai, canto II). (Nascentes, 1952, p. 55, Tomo II).
Cacique	‘Chefe de tribo indígena na América Central e nas Antilhas’ ‘chefe de tribo indígena no Brasil, morubixaba’ (Cunha, 2010, p. 110). Do taino (Lenz, Lokotsch, G. Viana, Apost. I, 192, Beaurepaire Rohan). Diz Las Casas: <i>Y ali (no Haiti) supo el almirante que al rey llamaban cacique</i> ”. Ouviedo: “Aqueste nombre no es de la Tierra-Firme, sino propriamente desta Isla Espanhola” Machado Soares hesita entre origem americana e a africana. Fernando Ortiz apresenta esta. (Nascentes, 1955, p. 85).
Cati	Um índio goitacá mencionado como parte do passado de Peri.
Goitacás	Indígena pertencente ao grupo dos goitacases (Dicionário Houaiss Online). Índios do Brasil. Do tupi. Teodoro Sampaio, 204 deriva de <i>gwai ata'ka</i> , o indivíduo corredor, veloz, a gente andeja, nômade. (Nascentes, 1952, p. 127, Tomo II).
Guaranis	Índios da América do Sul. De origem obscura. [...] deriva do verbo <i>guarani</i> , <i>guarini</i> , guerrear [...]. (Nascentes, 1952, p. 131, Tomo II).
Irapuã	Em <i>O Guarani</i> , esse nome pode estar relacionado a um contexto indígena menor ou referencial.
Peri	“Junco, erva, campo de juncos” (Guérios, 1973, p. 178). Protagonista indígena da obra, um jovem valente da tribo dos goitacás, cujo nome remete a “fruto” em Tupi. Nome de homem. Do tupi-guarani <i>pi'ri</i> , esteira de junco, junco. (Nascentes, 1952, p. 240, Tomo II).
Tamandaré	<i>Topônimo</i> Baía de Pernambuco. (Machado, 2003, vol. 03, p. 1380). Nome do Nôe tupi, aquele que fundou o povo, depois da volta ou em seguida ao rodeio. (Nascentes, 1952, p. 290, Tomo II).

Fonte: Alencar (2006; 2019).

Dentre todas as categorias de termos que foram listadas, observou-se também a presença de étimos antroponímicos, nomes próprios indígenas, em ambas as obras, como mostra o Quadro 4. Eles não apenas identificam os personagens, mas também carregam significados e simbolismos que enriquecem a narrativa alencariana, ligando-a à cultura e aos valores, dão autenticidade à ambientação da narrativa e destacam o contraste entre o mundo indígena e o não indígena.

Dias de Ávila e Novodvorski (2021, p. 497) percebem a intencionalidade do autor ao estabelecer uma conexão que simboliza a unidade do ser humano com o cosmos, um tema presente em ambas as obras representado pelos nomes próprios que compunham as narrativas em que “José de Alencar created his contextual fictional anthroponomic etymons to attribute to his indigenous characters the characteristics he wanted them to embody by means of the careful choice of their proper names⁷”. As autoras afirmam que os dicionários por elas consultados no processo da pesquisa revelaram que essas palavras não configuravam como verbetes até que as obras de José de Alencar fossem escritas, o que demonstra a criatividade do autor para satisfazer suas aspirações estéticas e o seu desejo de sistematizar uma língua genuinamente brasileira, além das imposições do português. Essa afirmação pode ser constatada a partir da descrição etimológica dos nomes próprios mencionados no Quadro 03.

Os nomes próprios indígenas em *Iracema* e *O Guarani* remetem ao imaginário simbólico e espiritual dos povos originários, uma característica que ressoa com os ideais da antroposofia. Os termos enaltecem a cultura indígena e, ao mesmo tempo, representam arquétipos que dialogam com a formação identitária do espaço da narrativa e da representação do espaço real.

O nome *Iracema* é um anagrama de "América" e significa "lágrima" ou "mel que brota", no tupi. Iracema, descrita como "a virgem dos lábios de mel", simboliza a fertilidade, a pureza e a conexão ancestral com a terra. Na perspectiva antroposófica, Iracema pode ser vista como uma personificação do princípio anímico-feminino, representando o elo profundo entre a natureza e o ser humano. Seu sacrifício, ao dar origem a um novo ciclo, o nascimento do filho que simboliza a mestiçagem e a formação da identidade brasileira, reflete a dinâmica espiritual de transformação e regeneração.

O nome *Peri*, em *O Guarani*, derivado do tupi, associa-se à força, coragem e proteção. Peri é retratado como um herói que está em plena harmonia com a natureza, cujas habilidades e valores se entrelaçam com o ambiente em que vive. Sob a lente antroposófica, *Peri* pode simbolizar o "Eu Superior" ou o arquétipo do protetor, que busca equilíbrio e sabedoria ao atuar como guardião de valores espirituais e culturais em um contexto de transformação e conflito. Como guardião de valores espirituais, Peri vive em contato com a natureza e busca a paz e a harmonia como bem representa o episódio em que consegue reverter a ação do poderoso curare, um veneno cuja fabricação era segredo de algumas tribos, com que se envenenara no intuito de aniquilar os aimorés com a intenção de deixar-se vencer, ser morto e comido pela tribo inimiga, e, assim, causar a morte dos aimorés.

⁷ José de Alencar criou seus étimos antroponômicos ficcionais contextuais para atribuir a seus personagens indígenas as características que ele queria que eles incorporassem através da escolha cuidadosa de seus próprios nomes (Tradução nossa).

Tanto *Iracema* quanto *Peri* são descritos em perfeita harmonia com os elementos naturais, conexão característica da antroposofia. Araquém e Cati são representações espirituais, personagens e entidades que reportam toda uma simbologia espiritual desses povos. *Iracema* representa a terra-mãe que se sacrifica para dar origem a um novo ciclo. Esse ato de renúncia e regeneração pode ser associado a um processo espiritual de doação e transformação central na evolução humana, segundo essa visão espiritualista. *Peri* encarna o papel do guardião espiritual, conectando o humano e o natural de forma harmônica e simboliza a força protetora que preserva o equilíbrio entre o homem e a natureza, refletindo o ideal antroposófico de união com o mundo espiritual.

Lembre-se que as próprias jornadas de *Iracema* e *Peri* são marcadas por sacrifícios e transformações, refletindo processos espirituais de autodescoberta e transcendência, elementos centrais na filosofia antroposófica.

Além desses termos, outros estão ligados a entidades religiosas, como *Tupã* e *Jurupari*, o Deus da cultura e o diabo entre os indígenas, segundo a descrição encontrada nos dicionários. Palavras referentes ao chefe espiritual, *pajé*, e ao chefe da tribo, *cacique*, que são primordiais dentro da religiosidade e da organização social deles. Também é possível ser identificada, além da presença de outras tribos como os *Goitacás*, que fazem parte do grupo *Tupi*, os *Aimorés*, que pertencem ao tronco Macro-Jê. O trecho a seguir da obra *Iracema* mostra a descrição do *Pajé* na obra:

Quando o sol descambava sobre as cristas dos montes, e arola desatava do fundo da mata os primeiros arrulos, eles descobriram no vale a grande taba; e mais longe pendurada no rochedo à sombra dos altos juazeiros, a cabana do Pajé. O estrangeiro seguiu a viagem através da floresta. O ancião fumava à porta, sentado na esteira da carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã (Alencar, 2006, p. 08).

Nesse trecho, vemos a menção do chefe espiritual em que, segundo Reis e Ferreira (2017), era atribuído ao *Pajé* o dom de benzedor e o conhecimento das propriedades medicinais das plantas para curar os mais diversos males que apareciam entre os seus, além do conhecimento de rituais que curavam e purificavam. *Tupã* era considerado o deus supremo dos *Tupi* e *Jurupari*, segundo a lenda, é um demônio, o próprio mal, que deu origem a outros demônios. Na obra “*O Guarani*”, destaca-se o seguinte trecho:

Agora é fácil conhecer a razão por que Peri perseguia a índia, resto da infeliz família; sabia que ela ia direito ter razão com seus irmãos, e que à primeira palavra que proferisse, toda a tribo se levantaria como um só homem para vingar a morte do seu *cacique* e a perda da mais bela filha dos *Aimorés* (Alencar, 2019, p. 67, grifo nosso).

Silva e Moreira (2020) esclarecem que o *cacique* é o líder escolhido por ter liderado a criação de uma aldeia, por sucessão hereditária ou por escolha da comunidade. Vemos a

menção aos Aimorés ou, segundo Cunha (1992), aos Botocudos ou Tapuias, em que as primeiras notícias sobre eles datam dos primeiros anos de tentativa de colonização do país. O território que ocupavam compreende grandes faixas da Mata Atlântica e da Zona da Mata na direção leste-sudeste, constituídas de florestas tropicais, cujos limites prováveis seriam o vale do Salitre, na Bahia, e o rio Doce, no Espírito Santo (Pagano, 2020). Os Aimorés não falavam a língua Tupi, pertenciam ao tronco Macro-Jê, de diversas filiações linguísticas e regiões geográficas, onde a maioria dos indivíduos usavam botoques labiais e auriculares, ou seja, colocavam discos brancos, geralmente feitos com a madeira leve da barriguda (*Bombax ventricosa*), que eram secados ao fogo, fixados nos lóbulos das orelhas e nos lábios, o que conferia aos indígenas uma aparência particularmente assustadora (Pagano, 2020).

Ainda segundo Pagano (2020), quando os portugueses chegaram ao atual estado do Espírito Santo, encontraram vários grupos que viviam da pesca, caça, coleta e pequena agricultura de subsistência, assim como a maioria dos povos originários. Os que ocupavam mais territórios e que ofereceram mais resistência aos brancos foi justamente o dos Botocudos. “Peri, chefe dos Goitacás, filho de Ararê, tu és grande, tu és forte como teu pai; tua mãe te ama. [...] Peri, chefe dos Goitacás, filho de Ararê, tu és o mais valente da tribo e o mais temido do inimigo; os guerreiros te obedecem” (Alencar, 2019, p. 86, grifo nosso).

Os Goitacás constituíam um grupo indígena do qual o personagem principal Peri fazia parte, segundo Falcão e Teixeira (2010). Habitavam o baixo Parnaíba do Sul entre o rio Macaé e Paraíba do Sul, sendo estes divididos em três ramos (Goitacá-camopi, Goitacá-guassú e Goitacá-jacoritó), em que todos viviam em constante hostilidade uns com os outros. O desaparecimento desses povos considerados guerreiros, conforme Ribeyrolles (1980 *apud* Falcão; Teixeira, 2010), deu-se em virtude da catequização, aldeamentos, aculturação europeia e até mesmo pelo processo de extermínio.

Alencar faz, portanto, um resgate da memória ancestral ao construir narrativas que recuperam a memória dos primeiros habitantes do território brasileiro, conectando passado e presente, à sua época, algo alinhado à visão antroposófica de que o presente carrega os ecos do passado, moldando a evolução do espírito humano. Esse passado e presente são contraídos para esta presencialidade atual que a obra, por meio de suas narrativas carregadas de elementos naturais e culturais, como as plantas e os animais, de elementos culturais, como as entidades, seus ritos e feitos, é capaz de gerar.

Os nomes e histórias dos personagens indígenas alencarianos estão enraizados, portanto, na simbologia cultural e natural, podendo ser compreendidos como expressões arquetípicas dessa conexão entre o ser humano com os seres da natureza, enfim, com o cosmos, refletindo os aspectos dessas corporalidades naturais e dos processos espirituais. É nesse entrelaçamento de linguagem e memória que a literatura se torna espaço de presença

simbólica, nessa contração temporal entre o que foi e o que é, manifestada por meio de um repertório lexical composto por elementos da natureza.

Considerações Finais

Tendo analisado algumas palavras que constituem o léxico indígena presente nas obras Iracema e O Guarani, percebe-se que José de Alencar consegue construir e retratar o indígena brasileiro utilizando-se de aspectos linguísticos e culturais particularizantes desses saberes ancestrais. O autor demonstra, via termos léxicos, a relação espiritual deles com a natureza, com a simbologia e a busca pela harmonia, princípios elementares constituidores dessa cosmovisão. Os nomes indígenas presentes nas duas obras remetem ao imaginário simbólico e espiritual, uma característica que ressoa com os ideais dessa corrente.

Nesse ponto, torna-se possível estabelecer um diálogo entre as categorias lexicais representativas da vida material e simbólica indígena e a abordagem antroposófica adotada. A análise dos nomes, enquanto unidades significativas do léxico, revela-se um caminho para acessar as dimensões espirituais e culturais presentes nas narrativas, permitindo articular os sentidos linguísticos com os princípios da cosmovisão indígena e com a perspectiva filosófica de Steiner sobre a linguagem como manifestação da vida interior do ser humano.

A partir desses termos, percebe-se essa relação com a natureza, ao nomear plantas com palavras do próprio vocabulário tupi, com a representação do meio ambiente natural como forma de sobrevivência, como a alimentação, bem como para a construção de objetos utilizados no dia a dia, a relação com os animais, seja ela amigável ou para a subsistência (caça e pesca), a construção de nomes próprios exclusivamente desses povos, aspectos culturais e religiosos como objetos, instrumentos sonoros, instrumentos de defesa, representantes religiosos e políticos, além de entidades do bem e do mal. Cuias, cestos, cabaças, redes, remos, flechas, bancos, máscaras, esculturas, mantos, cocares e outros, são artefatos produzidos, presentes em seu cotidiano e confeccionados a partir de matérias-primas extraídas da natureza.

Além disso, ambas as obras retratam a presença de diferentes grupos, evidenciando a diversidade dos povos originários no Brasil, durante o período da colonização. Essa realidade contrasta com a situação atual, pois, de acordo com dados do Educa IBGE (Censo de 2010), existem aproximadamente 897 mil indígenas no país, pertencentes a 305 etnias e falantes de 274 línguas. Desse total, cerca de 517 mil vivem em terras próprias. É importante destacar que, no início da colonização, a partir de 1500, a população indígena no Brasil era estimada entre 2 e 5 milhões de pessoas.

Ressalte-se que foi possível estabelecer uma relação entre os nomes indígenas presentes nessas obras e a teoria antroposófica. O uso dessa teoria buscou compreender a realidade como um todo integrador, englobando aspectos materiais, espirituais e culturais dos

habitadores naturais, presentes nas obras. Elas valorizam as narrativas mitológicas, os símbolos e as tradições ancestrais como formas de estabelecer e compreender a conexão entre o ser humano, essencialmente pela via da linguagem.

Em síntese, as obras *Iracema* e *O Guarani*, ao retratarem a interação entre indígenas e colonizadores, não apenas revelam a riqueza cultural e espiritual dos povos originários, mas também levam a refletir sobre os impactos desse encontro na formação da identidade brasileira.

Sob a perspectiva antroposófica, essa análise adquire uma profundidade adicional ao considerar a relação intrínseca entre o ser humano, o meio ambiente e as forças espirituais que permeiam a existência. Os povos indígenas podem ser compreendidos como guardiões de uma sabedoria ancestral profundamente conectada à terra e aos ritmos naturais, expressa na relação harmoniosa com o meio ambiente e na espiritualidade coletiva. Essa visão ressoa nas narrativas que, mesmo idealizadas, enfatizam a simbiose entre o homem e a natureza, um aspecto central nas culturas tradicionais.

Contudo, a história real dessas populações também lembra os desafios impostos pela colonização, que rompeu essa conexão e tentou apagar saberes milenares. A antroposofia encoraja resgatar e honrar esses valores, compreendendo que o desenvolvimento humano não é apenas material, mas também espiritual, e que preservar essas culturas é essencial para um equilíbrio maior entre os seres humanos e o cosmos. Portanto, à luz da antroposofia, ao se revisitar essas obras literárias verificando termos simbólicos da cultura dos povos indígenas, somos convidados a olhar para o futuro com responsabilidade, promovendo a regeneração cultural, ambiental e espiritual, para que a diversidade e a sabedoria das sociedades tradicionais sejam respeitadas e integradas na construção de um Brasil mais justo, consciente e com seu meio ambiente melhor preservado.

Referências

- ALENCAR, J. de. **Iracema**. Romance condensado por Celso Leopoldo Pagnan. Recife/ PE: Distribuidora de Livros Boa Vista, 2006.
- ALENCAR, J. de. **O Guarani**. 3º ed. Jandira, SP: Principis, 2019.
- ÁVILA, M. V. D. de. **Descrição etimológica do léxico indianista em José de Alencar** [recurso eletrônico]: uma análise lexicográfica direcionada por corpus. 2018. 253p. Tese [Doutorado em Linguística] – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- BIDERMAN, M. T. C. O Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: https://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf. Acesso em 28 mar. 2025.

CASTRO, M. C. D. de; FACCO PIOVESAN, M. H. Representaciones de la identidad, la memoria y la historia: topónimos de los espacios públicos de Balsas, Maranhão. **TRAD. Onomástica desde América Latina**, [S. I.], v. 2, n. 4, p. 176–199, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/28006>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CARVALHINHOS, P. de J.. Interface Onomásica/Literatura: A toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra Memórias da Rua do Ouvidor, de Joaquim Manuel de Macedo. **Cadernos do CNLF (CIFEFL)**, Rio de Janeiro, v. XII, n.10, p. 83 -99, 2009. Disponível em:<www.filoloia.org.br/xiicnlf/10/completo_10.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. 2. ed. Cortez, 2009. Disponível em:
https://www.academia.edu/38702337/Ant%C3%B4nio_Chizzotti_PESQUISA_EM_CI%C3%88NCIAS_HUMANAS_E_SOCIAIS_2a_edi%C3%A7%C3%A3o_CORTEZ_EDITORA. Acesso em: 3 jan. 2025.

CUNHA, M. C. da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. 5º ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4º ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DE MARCO, V. O romance histórico de Alencar. In: GUTIÉRREZ et al (org.). José de Alencar e a cultura brasileira. **Anais do I Simpósio Nacional Casa de José de Alencar**. Fortaleza: UFC, 2004.

DIAS DE ÁVILA, M. V.; NOVODVORSKI, A. Antropónima indianista em corpus de Alencar: uma análise etimológica, ficcional e contextual. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 474–500, 2021. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/352536336_Indianist_anthroponymy_in_Alencar%27s_corpus_an_etymological_fictional_and_contextual_analysis. Acesso em: 2 dez. 2024.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antropónima no Brasil**. Coletânea de textos. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1992.

D'ONOFRIO, S. **Teoria do Texto. Prolegômenos e Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

EDUCA IBGE. **População Indígena**. Disponível em:
[https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/20507-indigenas.html#:~:text=Existem%20hoje%20305%20etnias%20e,a%20l%C3%ADngua%20ind%C3%A9gena%20\(57%25\)](https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/20507-indigenas.html#:~:text=Existem%20hoje%20305%20etnias%20e,a%20l%C3%ADngua%20ind%C3%A9gena%20(57%25)). Acesso em: 12 dez. 2022.

FALCÃO, H. G.; TEIXEIRA, S. Construindo a história dos povos indígenas no Norte e Noroeste Fluminense através do olhar dos viajantes. **ANPUH-Rio**, XIV Encontro Regional da Associação Nacional de História, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

https://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276739775_ARQUIVO_trabalhoanpuh.pdf. Acesso em: 12 dez. 2022.

FERNANDES, A. O.; ALVES, L. M. N.; DIAS, V. F.; SANTOS, T. da S.; AZEVEDO, I. M. de. A Representação do índio na obra *Iracema*, de José de Alencar. **Cadernos do CNLF**, vol. XX, nº 08, 2016. Disponível em:

https://filologia.org.br/xx_cnlf/completo/A%20representa%E7%E3o%20do%20%EDndio%20-%20ACSA.pdf. Acesso em: 11 nov. 2024.

FERREIRA, J. F. V.. Romantismo: A Formação da Literatura Brasileira. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/ROMANTISMO-A-FORMA%C3%87%C3%83-DA-LITERATURA-BRASILEIRA_j%C3%BAlio-fl%C3%A1vio.pdf Acesso em: 21 nov. 2024.

FERRETTI, M.; LIMA, Z. (org.). **Perfis de cultura popular**: mestres, pesquisadores e incentivadores da cultura popular maranhense. São Luís: CMF, 2015.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. 2. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1973.

HOUAIS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (online)**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol/www/v6-1/html/index.php#39>. Acesso em: 08 dez. 2022.

LARA, L. F. **Curso de lexicologia**. México, D.F.: El Colegio de México, 2006.

MACHADO, J. P. M. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Confluência, vol. I, 2003.

MACHADO, J. P. M. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Confluência, vol. II, 2003.

MACHADO, J. P. M. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Confluência, vol. III, 2003.

MARCOVITCH, J.; PINSKY, V. **Bioma Amazônia**: atos e fatos. Estudos Avançados, v. 34, p. 83-106, 2020.

MELO, C. J. de A.; OLIVEIRA, V. da S. Romance: gênero problemático ou ambivalente? **Todas as Letras**, v. 15, n. 1, p. 172-181, 2013. Disponível em: <https://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Romance%20-%20Aula%2003.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

MUTARELLI, S. R. K. 2016. **Os Quatro Temperamentos na Antroposofia de Rudolf Steiner**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade de São Paulo, 2006. 152 p.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Tomo II, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1952.

PAGANO, L. **Povos Indígenas Brasileiros**. Disponível em: <https://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2020/07/aimore.html>. Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

REIS, J. de A.; FERREIRA, M. de N. de O. Pajé, conhecimento cultural e terminologia de plantas medicinais em Parkatêjê. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 186-213, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/70276>. Acesso em: 2 dez. 2022.

ROCHA, G. K. da; SANTOS, D. M. dos; PINHO, R. O. A infância em Bachelard e Steiner: um ponto de vista da educação antroposófica contra a crítica de Onfray. **INTERAÇÃO: Revista de Ensino e Extensão**, v. 21, n. 1, p. 51-67, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unis.edu.br/interacao/article/view/284>. Acesso em: 02 dez. 2024.

RODRIGUES, G. S.; SÁ, L. A. N.; RODRIGUES, I.; CHAIM, A. **Vida de bicho**: a fauna e o meio ambiente no Brasil, Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2004. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1045763/vida-de-bicho-a-fauna-e-o-meio-ambiente-no-brasil>. Acesso em: 02 nov. 2024.

ROMANELLI, R. A. A cosmovisão antroposófica: educação e individualismo ético. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 56, p. 49-66, abr./jun. 2015. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/B4BPzfq8MP3jBk5SDYDpRzQ/>. Acesso em: 25 dez. 2025.

SETZER, W. W. **O que é Antroposofia**. 2023. Disponível em: <https://www.sab.org.br/antroposofia/antiga-p%C3%A1gina-textos-e-v%C3%ADdeos/artigos-e-textos/o-que-%C3%A9-antroposofia>. Acesso em: 02 jan. 2025.

SILVA, M. F. da; MOREIRA, M. M. O direito constitucional sob o olhar dos caciques da Terra Indígena Mãe Maria (Pará), povo indígena Gavião. **Revista Direito GV**, v. 16, n. 1, jan./abr. 2020, e1942. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/items/99db1c56-54ec-4533-aafa-1c860ff1c6bd>. Acesso em: 28 dez. 2025.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, R. A. O Indianismo e a Busca da Identidade Brasileira: Influxos Europeus e Raízes Nacionais. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 7, nº 13, jul.-dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol7-13/17SOUZA.RobertoAci%CC%81zelode.Oindianismoeabusca.PROFESSORCONVIDADO.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

STEINER, R. **A história universal à luz da antroposofia**: e como base do conhecimento do espírito humano. Tradução de Rudolf Lanz, Sônia Setzer. São Paulo: Editora Antroposófica, 2018.

VECCHIA, A. C. D. **A importância da fauna para a existência das florestas**. Departamento de Fauna da Coordenadoria de Biodiversidade e Fiscalização. Portal de Educação Ambiental, São Paulo (SP): 2019. Disponível em: <https://www.infraestruturaeambiente.sp.gov.br/educacaoambiental/2019/11/a-importancia-da-fauna-para-a-existencia-das-florestas/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Sobre os autores

Maria Célia Dias de Castro

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3346-5990>

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), campus Balsas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul).

Marta Helena Facco Piovesan

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1136-5991>

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), campus Balsas.

Gustavo Barbosa Guimarães

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9221-2302>

Graduado em Letras - Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Pós-graduando em Língua Portuguesa e Literatura no Contexto Educacional pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). Professor de Língua Portuguesa do ensino básico no Colégio Saber.

Recebido em março de 2025.

Aprovado em maio de 2025.